



ECONOMIA

CORONAVÍRUS CAUSA UMA DAS MAIORES CRISES GLOBAIS MARCANDO NA HISTÓRIA
MARÇO DE 2020

SOBRE O MÊS

Em março de 2020, observamos o segundo mês consecutivo com forte queda no preço dos ativos, desta vez, bem mais intenso do que o observado em fevereiro, impactado exclusivamente pelo coronavírus, culminando em uma das maiores crises da história.

Em cenários como o atual, que acontecem pouquíssimas vezes e são impossíveis de se prever, há uma ruptura de todos os preços dos ativos financeiros, pois, parte significativa dos investidores se desesperam e deixam o pânico de curto prazo superar a inteligência financeira e o racional de investimento, logo, o preço momentâneo dos ativos financeiros não refletem o seu real valor de longo prazo.

E foi isto que aconteceu com praticamente todos os investimentos ao redor do mundo, inclusive aqueles investimentos considerados de baixo risco.

Os bancos centrais ao redor do mundo inundaram ainda mais as suas respectivas economias com dinheiro. O Federal Reserve (banco central norte americano) zerou sua taxa básica de juros e injetou 2,2 trilhões de dólares na economia. Na Europa, o Banco Central Europeu decidiu injetar mais de 1,2 trilhão de euros, enquanto no Brasil, o nosso Banco Central decidiu cortar mais ainda a taxa básica de juros, a SELIC, agora em 3,75%.

Não para por aí, os governos ao redor do mundo também começaram a agir, gastando rios de dinheiros para garantir empregos e salvar empresas mais afetadas. O Governo dos EUA anunciou um pacote de 2,0 trilhões de dólares, destinando parte importante para famílias, que podem receber de 1,2 até 3,4 mil dólares cada uma. Na Europa, Alemanha, França, Itália e Espanha anunciaram quase 1,0 trilhão de euros em estímulos monetários, com a mesma finalidade.

No Brasil, nosso Governo anunciou um pacote de aproximadamente 700 bilhões de reais, que será destinado a famílias, que poderão receber de 600 a 1.200 reais, e empresas mais afetadas. Vale lembrar que este gasto terá um custo em breve, o déficit primário do Governo Central poderá atingir mais de 400 bilhões de reais este ano.

Nunca na história do mundo, tantos pacotes de estímulos foram anunciados ao mesmo tempo, e o tamanho destes são exorbitantes, recorde disparado. A crise aconteceu muito rápido, todos foram pegos de surpresa, ninguém escapou, e as ações dos bancos centrais e governos ao redor do mundo também foi rápida. Muito mais ágil quando comparamos com a crise de 2008, não muito tempo atrás.

O momento requer extrema cautela na tomada de decisão de investimentos, seja para realizar alocações, seja para desfazer posições já alocadas. A história nos mostra que no longo prazo o retorno dos investimentos volta a seu normal. Só como efeito de comparação, a economia americana, após a crise de 2008, cresceu mais de 10 anos consecutivos. Neste período pós crise, as ações das empresas americanas rentabilizaram mais de 5x o preço que estava na crise, ou seja, o longo prazo corrige tudo, volta a normalidade ao mercado, os preços deixam de ser irracionais. Esta é a mensagem que o investidor deve ter em mente, manter a racionalidade no curto prazo e colher os frutos no médio e longo prazo, seja qual for seu perfil de risco.



Entrando nos ativos, os títulos públicos indexados à inflação (IMA-B) recuaram na média 6,97%, enquanto os títulos públicos pré-fixados (IRF-M) recuaram na média 0,11%. Os títulos privados de empresas indexados ao CDI, representados pelas debentures (IDA-DI) recuaram 4,87%, veja, estes títulos são considerados de baixíssimo risco de mercado, e somente em situações extremas apresentam retornos negativos. Por outro lado, o ativo livre de risco, representado pelo CDI, rentabilizou 0,34%.

Nos investimentos em ações, o principal índice acionário brasileiro, o Ibovespa, recuou 29,90% no mês. E no exterior, o movimento foi também de queda, o S&P 500 que representa as principais empresas listadas na bolsa americana recuou 12,51%, enquanto o MSCI World que representa as principais empresas listadas globais recuou 13,47%.

Na contramão e conforme esperado em momentos de crise, o dólar valorizou 15,56% em relação ao real, movimento observado em todo o mundo, com investidores migrando parte de seus recursos para títulos do tesouro americano.